ISSN 2175-1838
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

Artigo científico

https://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2634932

REVISTA Pistis & Praxis TEOLOGIA E PASTORAL

pistispraxis/index

PUCPRESS

O monstro na Câmara Nupcial: Asmodeu e sua função narrativa no livro de Tobit

The monster in the Bridal Chamber: Asmodeus and his narrative function in the Book of Tobit

Vinicius Moletta [a]
Eng. Coelho, SP, Brasil
[a] Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP)

Carlos Olivares [b]
Eng. Coelho, SP, Brasil
[b] Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP)

Como citar: MOLETTA, Vinicius; OLIVARES, Carlos. O monstro na Câmara Nupcial: Asmodeu e sua função narrativa no livro de Tobit. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 18, e2634932, 2026. DOI: http://doi.org/10.7213/2175-1838.18. e2634932

Resumo

O presente artigo analisa a construção literária e a função teológica da figura demonológica Asmodeu no Livro de Tobit, uma novela didático-sapiencial do período do Segundo Templo. A investigação parte da premissa de que a caracterização de Asmodeu como um personagem plano (*flat character*), conforme a terminologia de E. M. Forster e o refinamento metodológico de Cornelis Bennema não constituem uma limitação estética, mas uma estratégia narrativa deliberada para enfatizar a soberania da Providência divina em detrimento do fascínio demonológico. Metodologicamente, o estudo adota a Crítica Narrativa e uma abordagem sincrônica, priorizando a análise do texto em sua forma final, com especial atenção às recensões gregas (GI e GII) e aos testemunhos de Qumran. Por meio da técnica de leitura atenta (*close reading*), examina-se como a opacidade psicológica de Asmodeu, definida por uma motivação obsessiva e estática, permite que ele opere como o

[a] Mestrando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), e-mail: viniciusmoletta@hotmail.com
[b] PhD em Teologia (Estudos Bíblicos) pela Universidade de Auckland (Nova Zelândia), e-mail: carlos.olivares@unasp.edu.br

motor da trama (a "vilania" proppiana), catalisando o conflito que justifica a intervenção do arcanjo Rafael. No plano exegético, o trabalho demonstra que Asmodeu atua como o "Inimigo da Torá", ao se opor sistematicamente ao mandamento da endogamia (Nm 36,6-8). Ao inviabilizar o matrimônio legítimo de Sara e ameaçar a continuidade da linhagem israelita, o demônio transubstancia-se na personificação da "morte de Israel" na Diáspora, representando os riscos da assimilação cultural e da desintegração identitária no exílio. Por fim, discute-se o desfecho do embate, no qual a derrota de Asmodeu e seu aprisionamento no Egito simbolizam o restabelecimento da ordem criacional e o triunfo da fidelidade à Lei. Conclui-se que o Livro de Tobit utiliza a "estética do sobrenatural" para organizar as ansiedades sociorreligiosas do judaísmo helenístico, reafirmando que a oração, a caridade e a observância das normas de parentesco são as ferramentas eficazes para a sobrevivência e a restauração nacional frente ao caos da dispersão.

Palavras-chave: Tobit. Asmodeu. Crítica Narrativa. Segundo Templo.

Abstract

This article analyzes the literary construction and theological function of the demonological figure Asmodeus in the Book of Tobit, a didactic-sapiential novella from the Second Temple period. The investigation proceeds from the premise that the characterization of Asmodeus as a flat Character, according to E. M. Forster's terminology and Cornelis Bennema's methodological refinement do not constitute an aesthetic limitation, but rather a deliberate narrative strategy to emphasize the sovereignty of Divine Providence over demonological fascination. Methodologically, the study adopts Narrative Criticism and a synchronic approach, prioritizing the analysis of the text in its final form, with special attention to the Greek recensions (GI and GII) and the Qumran scrolls. Through the technique of close reading, it examines how Asmodeus's psychological opacity—defined by an obsessive and static motivation—allows him to operate as the plot's engine (Proppian "villainy"), catalyzing the conflict that justifies the intervention of the archangel Raphael. On the exegetical level, the work demonstrates that Asmodeus acts as the "Enemy of the Torah" by systematically opposing the commandment of endogamy (Num 36:6-8). By thwarting Sarah's legitimate marriage and threatening the continuity of the Israelite lineage, the demon transubstantiates into the personification of the "death of Israel" in the Diaspora, representing the risks of cultural assimilation and identity disintegration in exile. Finally, the article discusses the resolution of the conflict, in which the defeat of Asmodeus and his imprisonment in Egypt symbolize the re-establishment of the creational order and the triumph of fidelity to the Law. The study concludes that the Book of Tobit utilizes the "aesthetics of the supernatural" to organize the socio-religious anxieties of Hellenistic Judaism, reaffirming that prayer, charity, and the observance of kinship norms are the effective tools for survival and national restoration in the face of the chaos of the dispersion.

Keywords: *Tobit. Asmodeus. Narrative Criticism.; Second Temple.*

1. Introdução

A representação do demônio no horizonte literário do Segundo Templo evolui de uma obscuridade periférica para uma posição central na narrativa, a qual ressignifica os limites entre o humano, o natural e o transcendente. No Livro de Tobit, essa emergência demonológica não se apresenta apenas como um elemento decorativo, mas representa a essência de uma narrativa que visa educar sobre a identidade judaica em períodos de dispersão. Para entender essa centralidade, é imprescindível situar a obra e o fenômeno demonológico no período do Segundo Templo.

1.1. Contextualização de Tobit: novela didático-sapiencial e a emergência da demonologia

O Livro de Tobit, que foi provavelmente escrito entre os séculos III e II a.C., durante a era helenística, é geralmente categorizado pela crítica contemporânea como uma novela de caráter religioso ou um romance de origem judaica (Moore, 1996, p. 18). A obra se afasta da historiografia restrita e incorpora elementos do folclore internacional, como os temas do "Morto Agradecido" e do "Monstro na Câmara Nupcial" (Goodman, 2001), para construir uma narrativa que busca, ao mesmo tempo, proporcionar entretenimento e promover a edificação moral.

Subjacente a essa configuração literária, percebe-se uma significativa transição fenomenológica: enquanto a Bíblia Hebraica anterior ao exílio apresenta menções limitadas e frequentemente aludidas a entidades demoníacas, o período do Segundo Templo assinala uma "explosão" de interesse sistemático e minucioso por essas forças além do mundo físico. Neste contexto, Tobit se destaca como um exemplo significativo de como a literatura daquele período começou a reunir, sistematizar e expressar o saber acerca de anjos e demônios, incorporando-os em cosmologias mais elaboradas que atendiam às crises existenciais da Diáspora (Reed, 2020). Assim, a obra expõe o empenho do judaísmo helenístico em delinear as forças do caos que emergem na vida cotidiana, atribuindo-lhes designações e funções específicas dentro de uma economia teológica em mudança.

1.2. Asmodeu e Rafael: a dualidade dos agentes sobrenaturais

No contexto dessa complexificação demonológica, o Livro de Tobit expõe uma dualidade essencial de entidades sobrenaturais que conduzem à resolução das crises que impactam as famílias de Tobit e Sara: o anjo Rafael e o demônio Asmodeu. Rafael, cujo nome significa "Deus curou", desempenha o papel de mensageiro da providência divina, ocultando-se sob a identidade humana de Azarias para orientar o jovem Tobias. Por outro lado, Asmodeu é caracterizado como o "demônio maligno" (*tò ponèron daimónion*), uma figura que representa a força obstructiva e destrutiva.

É imprescindível observar que as seções da obra situam essas entidades como forças que, de certa maneira, atuam à margem do sistema de poderes divinos legitimamente reconhecidos; Asmodeu, cujo nome provavelmente tem origem persa (*aēšma-daēva*) (Angelini, 2021, p. 71) e sua fuga para o Egito, ressalta uma natureza estranha e marginal em relação à corte celeste de YHWH (Hahn; Mitch, 2019). Essa dualidade demonstra uma sensibilidade teológica em que o mal assume uma forma e uma intenção que, apesar de estar subordinada ao poder supremo de Deus por intermédio de Rafael, desempenha uma função autêntica e assustadora na esfera humana (Otzen, 2002, p. 45). Nesse contexto, o confronto entre Rafael e Asmodeu transcende um simples embate entre entidades espirituais, constituindo-se em uma representação simbólica da proteção divina que se opõe à mortalidade das forças que tentam desarticular a família israelita.

1.3. Tese: A flatness de Asmodeu como estratégia narrativa e simbólica

À luz da teoria narratológica de E. M. Forster, a análise literária de Asmodeu o classifica como um personagem plano (*flat character*), caracterizado por ser desenvolvido em torno de uma única ideia ou qualidade, mantendo-se inalterado e destituído de profundidade psicológica ao longo de toda a narrativa

(Forster, 2005). No âmbito de Tobit, essa planitude não caracteriza uma falta de habilidade estética, mas representa uma escolha intencional que valida a utilização da exegese narrativa para revelar a economia teológica da obra. Ao estabelecer Asmodeu como uma entidade unidimensional, caracterizada exclusivamente por sua hostilidade mortal ao casamento, o autor implícito exercita um domínio sobre a curiosidade relacionada à demonologia. Nesse contexto, ao rejeitar o fascínio ou a complexidade atribuídos ao demônio, a narrativa obstrui que a figura do *tò ponèron daimónion* tome o papel central da providência divina, preservando a atenção hermenêutica na efetividade da ação mediadora de Rafael e na postura piedosa das vítimas humanas (Reed, 2020).

Subjacente a essa construção, Asmodeu atua como o elemento impeditivo que interrompe a continuidade da linhagem israelita. É fundamental observar que a demonologia apresentada não representa a exogamia de maneira direta ou simplista; pelo contrário, o texto afirma que Asmodeu impede o casamento em si, criando um estado de morte onde deveria existir vida e união. Assim, a solução da crise é meticulosamente planejada por meio de uma união que observa as rigorosas normas de parentesco e o ideal de casamento intrafamiliar (Tob 6,12; 7,12–13).

Nesse contexto, a função literário-teológica de Asmodeu consiste em personificar a ameaça existencial à identidade judaica na Diáspora (Patmore; Lössl, 2022, p. 18). A proposição fundamental deste trabalho defende que a neutralização de Asmodeu e seu posterior aprisionamento no Egito representam não apenas um exorcismo de caráter doméstico, mas também a prevalência de uma solução institucional e devota, a endogamia e a observância da Lei, em relação às forças que visam à desagregação da comunidade durante o exílio (Macatangay, 2011, p. 37). Dessa forma, a derrota do demônio indica a recuperação de uma ordem que é, ao mesmo tempo, espiritual e sociológica, assegurando que a narrativa atinja seu objetivo de instruir sobre a preservação da identidade diante da desordem da dispersão.

2. Metodologia: Abordagens para a exegese demonológica

A abordagem sugerida para a interpretação das figuras demonológicas no Livro de Tobit baseia-se nos fundamentos da crítica literária contemporânea aplicada aos textos da Antiguidade, organizando-se a partir do seguinte aparato analítico:

2.1. Crítica narrativa e abordagem sincrônica

Esta investigação adota uma abordagem sincrônica, considerando o texto em sua versão final como uma unidade literária integrada. Em vez de uma ênfase exclusiva na estratificação diacrônica, privilegia-se a abordagem da leitura minuciosa (*close reading*), que se concentra na análise narratológica do "como" a narrativa é elaborada (Reuter, 2002, p. 13). A pesquisa analisa detalhadamente a relação entre os componentes verbais e a retórica intencional do narrador, utilizando o texto fundamental da recensão longa (GII/Sinaiticus) como fonte primária. Sob essa perspectiva, personagens secundários, como Asmodeu, ultrapassam a simples função de meros adornos; sua função estrutural enquanto forças opositivas é analisada, sendo sua presença imprescindível para impulsionar o conflito central que revela as camadas ideológicas e axiológicas da obra (Gunn; Fewell, 1993, p. 75).

2.2. Caracterização literária: Tipologia e eixos de complexidade

A análise da densidade de representação textual de Asmodeu inicia-se pela diferenciação clássica entre personagens planas (*flat characters*) e personagens redondas (*round characters*) (Forster, 2005). Entretanto, para evitar o reducionismo binário, a análise inclui o aprimoramento teórico de Cornelis Bennema, justificando a aplicação deste modelo do *corpus* joanino à narrativa helenística em razão da equivalência entre gêneros narrativos e do estilo de caracterização da antiguidade. O modelo sugere um *continuum* baseado em três eixos: complexidade de características (conjunto de epítetos e ações), desenvolvimento dinâmico (alteração de status ou reações ao longo da narrativa) e penetração na vida interior (avaliada por meio da focalização narratorial ou diálogos diretos) (Bennema, 2014, p. 46). A

referida matriz possibilita avaliar se ao *tò ponèron daimónion* é conferida uma individualidade psicológica ou se a sua opacidade interna se configura como um requisito funcional para a nitidez do confronto teológico (Bar-Efrat, 1997, p. 90).

2.3. Estudo intertextual e contextualização crítica

A análise demonológica envolve a investigação intertextual, compreendendo que a produção literária durante o período do Segundo Templo se apresenta como uma reorganização intencional de temas míticos e normas legais (Lima, 2021, p. 2). A investigação integra as contribuições da crítica textual ao levar em conta as diversificações nas recensões e nos relatos de Qumran (4Q196–4Q200). Essas variações são compreendidas como abordagens de revisão literária; a escolha de um redator em adicionar ou retirar pormenores, como o desejo libidinoso do demônio por Sara em determinadas versões de GII, modifica de maneira sutil o ponto de vista avaliativo e a magnitude moral da personagem (Gunn; Fewell, 1993, p. ix). Assim, a exegese busca apreender Asmodeu na interseção entre a onomástica de provável origem iraniana (*aēšma-daēva*) e a necessidade teológica de reforçar a identidade israelita por meio da prática da endogamia.

O recurso a esses testemunhos, contudo, exige delimitação. Os cinco manuscritos identificados na Gruta 4, quatro em aramaico (4Q196–4Q199) e um em hebraico (4Q200), datam aproximadamente do intervalo entre 100 a.C. e 50 d.C. e filiam-se, em termos gerais, à mesma tradição manuscrita da recensão longa do Códice Sinaítico e da *Vetus Latina*, ainda que apresentem, em determinados pontos, extensão maior ou menor que o texto grego (Littman, 2008, p. xxiii). Esse dado sustenta a opção metodológica adotada nesta pesquisa: ao privilegiar GII como texto-base, a análise trabalha com a forma textual mais próxima do substrato semítico disponível, e não com uma reelaboração helenística tardia.

Quanto especificamente a Asmodeu, o estado fragmentário do material impõe cautela. Nenhum dos manuscritos preserva de modo contínuo as quatro passagens decisivas para a caracterização do demônio, a saber, a acusação da criada (Tob 3,8), o envio de Rafael (Tob 3,17), a objeção de Tobias com a instrução angelical subsequente (Tob 6,14-18) e a fuga para o Egito (Tob 8,2-3). O testemunho mais extenso, 4Q197, preserva parte do capítulo 6 e alcança a promessa de misericórdia divina de Tob 6,18 (4Q197 4 iii 1), o que confirma que a sequência instrução terapêutica, casamento endogâmico e expulsão do demônio não constitui acréscimo do estágio grego da transmissão (Fitzmyer, 2003, p.217-219). A conclusão pertinente a este estudo é de ordem negativa e, por isso mesmo, significativa: o substrato semítico corrobora o enquadramento narrativo transmitido por GII, mas não acrescenta ao demônio qualquer traço de discurso direto, de interioridade ou de motivação explicitada. A planura de Asmodeu não resulta, portanto, de uma redução operada pelos tradutores gregos, pois já pertence ao texto nos testemunhos mais antigos a que se tem acesso.

3. Asmodeu

De acordo com o que foi apresentado na seção 1.3, a representação de Asmodeu no Livro de Tobit proporciona um terreno fértil para a investigação literária da formação do antagonista, atuando dentro de uma economia narrativa que valoriza a função simbólica em vez da profundidade psicológica (Vialle, 2024, p. 7). O demônio é caracterizado não por uma profundidade interna, mas pela eficácia de sua atuação obstrutiva, atuando como o catalisador essencial para o surgimento do conflito e a consequente manifestação da providência (Patmore; Lössl, 2022, p. 17).

3.1. O Flat character essencial e a estática do mal

A literariedade de Asmodeu é caracterizada por uma intencional contenção de detalhes. O narrador apresenta-o de maneira concisa como "o demônio maligno" (*tò ponèron daimónion*), omitindo informações sobre sua origem ou ambiente ontológico. Entretanto, por trás dessa denominação genérica, o nome próprio Asmodeu serve como um indício de sua procedência semítica, atuando como uma chave

etimológica para sua função na narrativa. Em teoria, a denominação origina-se da raiz hebraica[1] *šmd*, que sugere os significados de "exterminar", "destruir" ou "provocar a perdição" (Vialle, 2024, p. 13).

A filologia hebraica cria uma conexão direta com a função do personagem no texto: ao ser descrito como "aquele que provoca a destruição", Asmodeu transcende a condição de uma entidade com psicologia singular, convertendo-se na própria materialização de seu nome. Ele simboliza o obstáculo absoluto à ordem divina, atuando em um paralelismo antitético ao arcanjo Rafael. Se o nome Rafael indica que "Deus cura", o nome Asmodeu representa a força que interrompe a vida e a descendência de Sara. Portanto, a sua planura é acentuada por esse determinismo nominal, no qual o demônio carece de autonomia além daquelas estabelecidas por sua raiz etimológica: a extinção da continuidade de Israel (Vialle, 2024, p. 13).

Essa filiação semítica, contudo, não esgota a história do nome, e a tensão entre as duas raízes possíveis constitui, em si mesma, um dado hermenêutico. A forma *Asmodaios* remonta, com alta probabilidade, ao composto iraniano *aēšma-daēva*, o demônio da ira do repertório zoroastriano, o que situa a origem da personagem no horizonte cultural do domínio persa (Angelini, 2021, p. 71). A narrativa de Tobit, entretanto, não importa o mito iraniano em sua integridade. O demônio do livro não personifica a ira, não atua como antagonista cósmico de uma divindade luminosa e não sustenta qualquer dualismo metafísico, pois se apresenta como agente subordinado, expulso por um procedimento simples e detido por um arcanjo que age sob ordem divina. O nome estrangeiro é retido, mas seu campo semântico é reorientado para a raiz *šmd*, de modo que aquilo que na tradição persa designava o furor passa a designar, no texto judaico, a extinção da descendência (Vialle, 2024, p. 13).

O procedimento é significativo para a leitura sociorreligiosa aqui defendida. A mesma comunidade que teme a assimilação cultural no período helenístico constrói o seu antagonista com material cultural alheio e o submete à própria pauta teológica. A domesticação onomástica reproduz, no plano do nome, aquilo que a trama encena no plano da ação: o elemento estrangeiro não é ignorado nem enfrentado em seus próprios termos, mas incorporado, reinterpretado e subordinado à ordem da aliança. Asmodeu é, nesse sentido, um demônio de nome persa convertido em argumento a favor da endogamia israelita, e a sua planura é condição desse uso, uma vez que uma personagem dotada de espessura mitológica própria resistiria à reinterpretação que a narrativa lhe impõe.

Do ponto de vista técnico, Asmodeu pode ser classificado como um personagem "menos que secundário" (Ego, 2022, p. 89), considerando que ele é mais "discutido e agido contra" do que, efetivamente, um agente de fala. A invisibilidade inerente e a falta de desenvolvimento da personalidade asseguram que a atenção narrativa se concentre na recuperação das vítimas e na eficiência da mediação angelical (Fitzmyer, 2003, p. 34). A "planura" de Asmodeu reduz a personagem à sua essência caótica e antagônica à vida. A aplicação dos três eixos propostos por Bennema (2014, p. 46), apresentados no item 2.2, permite verificar essa condição de modo esquemático:

- **Complexidade de características:** o inventário de traços atribuídos ao demônio restringe-se a um epíteto moral, "maligno" (*ponèron*), e a uma única linha de ação, o homicídio dos noivos na noite nupcial (Tob 3,8). Não há traços concorrentes nem qualidades que tensionem entre si, de modo que a personagem se fixa no extremo inferior do *continuum*.
- **Desenvolvimento dinâmico:** entre a primeira menção (Tob 3,8) e a fuga para o Egito (Tob 8,3), Asmodeu não altera objetivo, método ou avaliação moral. A única mudança registrada

[1] Embora o livro tenha sido preservado majoritariamente através das recensões gregas, a descoberta de fragmentos em Qumrân abriu a possibilidade de uma composição original em língua semítica. Na Gruta 4, foram identificados cinco manuscritos, sendo quatro em aramaico (4Q196–199) e um em hebraico (4Q200). Tal evidência implica que o texto grego, notadamente a versão longa do Codex Sinaiticus (G II), configura-se como uma tradução de uma *Vorlage* semítica. Consequentemente, a análise da etimologia e do simbolismo dos nomes próprios exige o recuo ao substrato hebraico/aramaico subjacente, uma vez que a forma grega *Asmodaios* opera como transliteração, omitindo o campo semântico funcional do nome original (Fröhlich, 2016, p. 27).

é imposta de fora, pela fumigação, e recai sobre a sua situação, não sobre o seu caráter, o que o define como agente estático.

- **Penetração na vida interior:** o narrador jamais focaliza o demônio a partir de dentro e não lhe concede uma única linha de discurso direto. Tudo o que dele se sabe é mediado pela fala da criada (Tob 3,8), pela objeção de Tobias (Tob 6,14-15), pela instrução de Rafael (Tob 6,16-18) e pelo relato em terceira pessoa.

A convergência dos três eixos no polo mínimo do *continuum* não decorre de uma limitação do narrador. Ela se converte em recurso retórico, observável nos seguintes eixos analíticos:

- **Definição por ação, em vez de por intenção:** Na recensão longa (G II/Sinaiticus), Asmodeu é apresentado de maneira estática, sendo caracterizado unicamente pela sua letalidade. Embora a versão abreviada (G I) afirme que o demônio "ama" Sara (*phileî autèn*), estudiosos sustentam que essa variante não confere uma dimensão humanizadora à entidade, mas sim retrata uma relação de posse ou avareza que objetifica a vítima (Fröhlich, 2016, p. 30).
- **A personificação da anticriação:** Asmodeu simboliza a subversão do princípio de "frutificar e multiplicar". Ele estabelece a esterilidade por meio do homicídio, operando como uma força de desordem que deve ser eliminada para que a criação, por meio do matrimônio e da procriação, possa ser restabelecida (Macatangay, 2011, p. 37).
- **A submissão ao poder divino:** A estrutura plana favorece o desfecho pedagógico. A derrocada de Asmodeu não requer uma luta heroica, mas sim uma solução técnica (fumigação e oração), evidenciando que o caos carece de agência real diante da soberania divina (Vialle, 2024, p. 18).

3.2. Fisicalidade e obsessão: O Embodied Entity

Não obstante sua opacidade psicológica, Asmodeu é representado como uma entidade que possui fisicalidade e vulnerabilidade sensorial. O texto aborda a sua habilidade de se mover e a sua repulsa em relação a estímulos olfativos, como o cheiro do coração e do fígado de peixe. Essa característica de entidade incorporada é evidenciada pelo ato de Rafael ter o "atado" ou "algemado" (*pédèsen*) o demônio no Egito (Fröhlich, 2016, p. 26).

A alusão ao "amor" de Asmodeu por Sara em algumas tradições, como no manuscrito 4Q197 de Qumran, acrescenta uma dimensão de ambiguidade que o torna semelhante à figura de um *incubus*. Entretanto, essa atribuição (raiz *rḥm*) atua como uma motivação constante e obsessiva que legitima sua agressividade, servindo como um mecanismo de obstáculo à ordem da endogamia (Hayward, 2022, p. 173). Permanece desprovido de subjetividade, agindo por meio de impulsos mecânicos até sua eventual neutralização (Fröhlich, 2016, p. 30).

3.3. O Contraste estrutural: Ameaça vs. Debilidade

A estrutura narrativa de Tobit apresenta Asmodeu, a princípio, como uma força aterrorizante, apta a estabelecer uma distopia mortal no ambiente do quarto nupcial. Entretanto, essa elevada condição é deliberadamente desmantelada no clímax. A ocorrência do exorcismo apresenta-se de forma anticlimática: Asmodeu não demonstra uma resistência digna de heroísmo, sendo apenas "repelido" pelo aroma do incenso (Ego, 2022, p. 78). Esse rebaixamento integra um procedimento mais amplo da obra, no qual o recurso ao cômico desarma expectativas solenes e desestabiliza esquemas simplistas de retribuição e de piedade autorreferida (Southwood, 2022, p.17-18). Aplicado ao antagonista, o procedimento produz um efeito teológico preciso: aquilo que aterroriza a personagem humana é, do ponto de vista da Providência, irrisório.

O contraste linguístico evidencia essa fragilidade final: enquanto o demônio "foge apressadamente" (*apotréchō*), o anjo Rafael "caminha com serenidade" (*badízō*) visando capturá-lo (Ego, 2022, p. 78). Dessa

maneira, o antagonista que simbolizava a "morte de Israel" na dispersão é reduzido à condição de um fugitivo acorrentado. A mudança da agressividade inicial para a fragilidade final submete o caos à ordem e revela que o adversário é, em última análise, o indicador do triunfo divino e da lealdade do ser humano (Macatangay, 2011, p. 160; Vialle, 2024, p. 18).

4. Análise teológica e estrutural: o papel de Asmodeu na economia da salvação

A manifestação de Asmodeu na obra de Tobit vai além da simples confrontação física, localizando-se em uma dimensão em que a morfologia da narrativa e a teologia da aliança se entrelaçam, com o objetivo de educar a comunidade na Diáspora.

4.1. O motor da trama e o elemento estrutural: A "vilania" proppiana.

Sob uma ótica narratológica que se baseia na morfologia de Vladimir Propp, a função de Asmodeu é a de agente primordial do conflito. A atuação do demônio, ao eliminar consecutivamente sete esposos de Sara na noite de casamento, representa a "Função 8" segundo Propp: a vilania ou a geração de uma "falta" (Toloni, 2023, p. 3). Assim sendo, Asmodeu atua como o propulsor da narrativa; na ausência de sua influência maléfica, a trajetória de Tobias em direção à Média estaria restrita a uma esfera estritamente econômica, desprovida do objetivo soteriológico de salvação e recomposição familiar. Ainda que se refira a um personagem de natureza literariamente superficial, como foi argumentado previamente, sua função estruturante é indiscutível, uma vez que ele representa o desafio que legitima a missão do arcanjo Rafael como "auxiliar" e "transmissor" de saberes esotéricos e terapêuticos (Otzen, 2002, p. 45).

4.2. Personificação da ameaça exogâmica: O inimigo da Torá

Além da mecânica da trama, Asmodeu exerce um papel teológico específico ao se opor de maneira sistemática ao mandamento da endogamia. No Livro de Tobit, o casamento entre membros da mesma família é apresentado como um fundamento de lealdade, alicerçado no "Livro de Moisés" e ilustrado pelas práticas dos patriarcas. A legislação vigente remete a Números 36,6-8, que estabelece que filhas herdeiras, como Sara, precisam contrair matrimônio dentro do clã paterno, a fim de preservar a herança (*nachalah*) e a integridade da identidade tribal (Ego, 2022, p. 86).

Nesse contexto, Asmodeu aparece como o "Oponente da Torá". A sua agressividade não é fortuita; ela obstrui a união legítima determinada por Deus, opondo-se à concretização do preceito mosaico. Ao impedir o matrimônio endogâmico de Sara com seus familiares, o demônio busca desestabilizar a continuidade da aliança, transformando-se em um obstáculo sobrenatural à preservação das estruturas sociojurídicas de Israel durante o exílio (Ego, 2022, p. 87).

4.3. Asmodeu como a morte de Israel na diáspora

A função simbólica mais significativa de Asmodeu está na sua representação como a personificação da morte de Israel durante a Diáspora (Patmore; Lössl, 2022, p. 18). A ameaça que ele encarna não se esgota na morte dos sete maridos. Ela alcança uma esfera coletiva e existencial, a saber, a erradicação da linhagem escolhida (Miller, 2009, p. 114). Ao manter Sara em estado de viuvez perpétua e de esterilidade forçada, o demônio bloqueia a única via pela qual a identidade israelita se transmite fora da Terra Prometida, que é a constituição de novas famílias segundo as normas de parentesco (Macatangay, 2011, p. 448).

A personificação do "não-Israel" dá forma a um receio concreto. Trata-se do temor de que a comunidade dispersa ceda à hegemonia estrangeira e perca aquilo que a distingue. Ao impedir a reprodução e a constituição de novas famílias judaicas, Asmodeu desempenha o papel de um agente do caos que almeja a finalização histórica do povo de YHWH (Macatangay, 2011, p. 84).

4.4. O restabelecimento da ordem divina e a vitória da providência

A solução do conflito, concretizada pela derrota de Asmodeu, indica a vitória da Providência Divina sobre as forças entrópicas do exílio (Macatangay, 2019, p. 320). O ritual conduzido por Rafael, a incineração do fígado e do coração do peixe, não deve ser simplificado a uma prática "mágica" trivial, mas compreendido como uma orientação terapêutica de origem divina que dissipa o caos e restabelece a sanidade teológica do ambiente doméstico (Chrysovergi, 2011, p. 46).

A evasão de Asmodeu rumo ao Egito e sua subsequente contenção por Rafael carregam significados profundos. A escolha do destino não é acidental. Na tradição bíblica, o Egito é o lugar arquetípico da servidão (Ex 13,3; Dt 5,6), o território cuja idolatria contaminou Israel desde a origem (Ez 20,7-8) e o caminho de retorno que a Torá interdita de modo expresso (Dt 17,16; Jr 42,13-22). No contexto de múltiplas camadas literárias do Segundo Templo, o Egito é vinculado ao refúgio da idolatria e das forças demoníacas (Voicu, 2010). A ação do anjo Rafael ao amarrar o demônio "mãos e pés" simboliza a incapacitação definitiva do mal diante da autoridade transcendente (Reed, 2020).

Três elementos reforçam esse simbolismo espacial. Em primeiro lugar, o texto não situa o demônio em um ponto qualquer do Egito, mas nas suas regiões mais remotas (Tob 8,3), deslocando-o para a margem extrema do mundo conhecido, em conformidade com o padrão da literatura do período, que confina o mal a espaços liminares e desabitados, como o deserto para onde é enviado Azazel (Lv 16,10) e o lugar de encarceramento em que o mesmo arcanjo Rafael o ata de mãos e pés (1 Enoque 10,4-5). Em segundo lugar, o Egito é, na memória de Israel, a terra dos magos (Ex 7,11.22); ao ser expulso por uma terapêutica de origem divina, e não por artifício mágico, o demônio é devolvido precisamente ao território daquilo que a narrativa recusa. Em terceiro lugar, a geografia da obra descreve uma trajetória de retorno que parte da Diáspora assíria e meda em direção a Jerusalém (Tob 13,9-18; 14,5), e o Egito situa-se fora desse eixo. Enquanto Israel caminha do exílio para a cidade restaurada, o adversário é conduzido em sentido inverso, para um desterro sem retorno. O espaço narrativo integra, assim, a estratégia retórica da obra, e não constitui pano de fundo neutro (Van der Bergh, 2013, p. 215). Van der Bergh demonstra que a leitura espacial dos dois primeiros capítulos revela um movimento gradual da liberdade para o confinamento, contraste que a recensão longa estabelece com muito mais força do que a breve (Van der Bergh, 2013, p. 225). O desfecho de Tob 8,3 aciona esse mesmo eixo em sentido invertido e agora aplicado ao antagonista: aquele que se movia sem impedimento pela câmara nupcial termina atado de mãos e pés na margem extrema do mundo conhecido. A expulsão de Asmodeu não apenas o remove do quarto de Sara, mas o transfere para o polo do confinamento que, no início da narrativa, pesava sobre o próprio Tobit, invertendo o destino da comunidade que a obra pretende instruir.

Além disso, esse desfecho restabelece a ordem primordial da criação, que defende a fecundidade e a cooperação mútua, e confirma a eficácia do cumprimento da Lei. A aliança definitiva entre Tobias e Sara representa uma parábola da restauração nacional: se o justo se mantiver fiel e seguir os mandamentos, a Providência assegurará que Israel resista ao repugnante odor do exílio e retorne, sanado e enriquecido, à glória de Jerusalém.

5. Conclusão: O propósito do *flat character* na narrativa de Tobit

A pesquisa realizada durante este estudo possibilita afirmar que a elaboração da figura de Asmodeu constitui um componente de sofisticação retórica, na qual a técnica literária atende exclusivamente aos propósitos da instrução sapiencial do Segundo Templo.

5.1. A Eficácia da unidimensionalidade

A análise revela que a definição de Asmodeu como um *flat character* não indica uma restrição da técnica narrativa, mas sim uma decisão estratégica que amplifica sua função simbólica. Conforme

previamente exposto, ao ser desprovido de complexidade psicológica, interioridade e voz própria, Asmodeu se apresenta como uma força puramente obstrutiva. A unidimensionalidade é essencial para que o foco narrativo se mantenha firme na eficácia da solução divina intermediada por Rafael e na soberania da Providência. Assim, na economia teológica de Tobit, o mal não é retratado como um interlocutor a ser entendido ou humanizado, mas sim como um impedimento absoluto que deve ser superado por meio da adesão à Torá e da prática da piedade.

5.2. Síntese do significado: do caos à restauração da ordem

A derrota de Asmodeu vai além do término de um conflito doméstico, representando a expulsão das forças entrópicas e a reafirmação do plano criacional divino. A atuação do demônio em obstruir o matrimônio e a geração afetava de maneira direta a perenidade da linhagem israelita, configurando-se como a personificação da morte de Israel na Diáspora. A sua evasão e o subsequente encarceramento no Egito, por parte de Rafael, ato que a crítica literária interpreta como uma neutralização definitiva da capacidade de agir do caos, possibilitam a reconstituição da família judaica com base no princípio da endogamia. Assim, o objetivo didático-sapiencial da obra é integralmente alcançado ao evidenciar que a retidão, o cumprimento das obrigações familiares e a oração constituem os instrumentos que mobilizam a misericórdia (*rachamim*) divina, convertendo a "fumaça fétida" do exílio na luz da renovação nacional.

Referências

ANGELINI, Anna. *L'imaginaire du démoniaque dans la Septante: une analyse comparée de la notion de « démon » dans la Septante et dans la Bible hébraïque*. Leiden: Brill, 2021. (Supplements to the Journal for the Study of Judaism, v. 197).

BAR-EFRAT, Shimon. *Narrative Art in the Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

BENNEMA, Cornelis. *A Theory of Character in New Testament Narrative*. Minneapolis: Fortress Press, 2014.

CHRYSOVERGI, Maria. Contrasting Views on Physicians in Tobit and Sirach. Journal for the Study of the Pseudepigrapha, v. 21, n. 1, p. 37-54, 2011.

EGO, Beate. The Demon Asmodeus in the Tobit Tradition: his nature and character. In: PATMORE, Hector M.; LÖSSL, Josef (Ed.). Demons in Early Judaism and Christianity: characters and characteristics. Leiden: Brill, 2022. p. 74-90. (Ancient Judaism and Early Christianity, v. 113).

FITZMYER, Joseph Augustine. *Tobit*. Berlim; Nova York: Walter de Gruyter, 2003.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Tradução de Sergio Alcides. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2005.

FRÖHLICH, Ida. "Because he loves her...": the figure of the demon in the Book of Tobit. The Arabist: Budapest Studies in Arabic, v. 37, p. 25-35, 2016.

GOODMAN, Martin (Ed.). *The Oxford Bible Commentary: The Apocrypha*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GUNN, David M.; FEWELL, Danna Nolan. *Narrative in the Hebrew Bible*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *Tobit, Judith, and Esther: with introduction, commentary, and notes*. San Francisco: Ignatius Press, 2019. (The Ignatius Catholic Study Bible).

HAYWARD, C. T. R. St. Jerome, Demons, and Jewish Tradition. In: PATMORE, Hector M.; LÖSSL, Josef (Ed.). Demons in Early Judaism and Christianity: characters and characteristics. Leiden: Brill, 2022. p. 182-195. (Ancient Judaism and Early Christianity, v. 113).

LIMA, Anderson de Oliveira. O apocalipse como literatura: o que é e o que há de vir na história da leitura bíblica. Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 1-13, set./dez. 2021.

LITTMAN, Robert J. *The Book of Tobit in Codex Sinaiticus*. Leiden: Brill, 2008. (Septuagint Commentary Series).

MACATANGAY, Francis. *The wisdom instructions in the book of Tobit*. New York: De Gruyter, 2011. (Deuterocanonical and cognate literature studies, v. 12).

MACATANGAY, Francis. God's conflict with the chaos monster in the book of Tobit. In: CALDUCH-BENAGES, Nuria et al. (ed.). Deuterocanonical and cognate literature yearbook 2019: cosmos and creation: second temple perspectives. Roma: G&B Press, 2019. p. 319-329.

MILLER, Geoffrey. A Match Made in Heaven? God's Role in Marriage according to the Book of Tobit. Rivista Biblica, v. 57, p. 129-153, 2009.

MOORE, Carey. *Tobit*. New York: Doubleday, 1996. (The Anchor Bible, v. 40A).

OTZEN, Benedikt. *Tobit and Judith*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2002. (A&C Black).

PATMORE, Hector M.; LÖSSL, Josef (Ed.). *Demons in Early Judaism and Christianity: characters and characteristics*. Leiden: Brill, 2022. (Ancient Judaism and Early Christianity, v. 113).

REED, Annette Yoshiko. *Demons, Angels, and Writing in Ancient Judaism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SOUTHWOOD, Katherine. Comical moments and comical characterisations in Tobit: the undermining of self-righteous piety, simplistic retribution, and limited Yahwism. Journal for the Study of the Old Testament, v. 46, n. 4, p. 443-459, 2022.

TOLONI, Giancarlo. *The Story of Tobit: a comparative literary analysis*. Leiden: Brill, 2023. (Supplements to the Journal for the Study of Judaism, v. 204).

VAN DER BERGH, Ronald. Unfocused narrative space in Tobit 1:1–2:14. In: PRINSLOO, Gert T. M.; MAIER, Christl M. (Ed.). *Constructions of Space V: place, space and identity in the ancient Mediterranean world*. London; New York: Bloomsbury T&T Clark, 2013. p. 214-225. (Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies, v. 576).

VIALLE, Catherine. Asmodée, le mauvais démon du livre de Tobit. Science et Esprit, v. 76, n. 1, p. 7-22, jan./avr. 2024.

VOICU, Sever J. (Ed.). *Ancient Christian Commentary on Scripture: Old Testament XV: Apocrypha*. Downers Grove: IVP Academic, 2010.

Editor Responsável: Waldir Souza

Recebido/Received: 03.07.2026 / 07.03.2026

Aprovado/Approved: 27.07.2026 / 07.27.2026